



Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Campus I - Campina Grande
Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA
Curso de bacharel em Jornalismo

ELISSANDRA DA SILVA SOUZA

**ANÁLISE DO JORNALISMO LITERÁRIO E JORNALISMO INVESTIGATIVO
A PARTIR DO LIVRO “COVA 312” DE DANIELA ARBEX**

Campina Grande
2024

ELISSANDRA DA SILVA SOUZA

**ANÁLISE DO JORNALISMO LITERÁRIO E JORNALISMO INVESTIGATIVO
A PARTIR DO LIVRO “COVA 312” DE DANIELA ARBEX**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Jornalismo
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dra. Ingrid Farias Fechine

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729a Souza, Elissandra da Silva.

Análise do jornalismo literário e jornalismo investigativo a partir do livro "cova 312" de Daniela Aarbex [manuscrito] / Elissandra da Silva Souza. - 2024.

20 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Ingrid Farias Fechine, Departamento de Comunicação Social - CCSA".

1. Jornalismo Literário. 2. Jornalismo Investigativo. 3. Daniela Aarbex. 4. Livro-reportagem. I. Título

21. ed. CDD 070.4

ELISSANDRA DA SILVA SOUZA

**ANÁLISE DO JORNALISMO LITERÁRIO E JORNALISMO INVESTIGATIVO A
PARTIR DO LIVRO “COVA 312” DE DANIELA ARBEX**

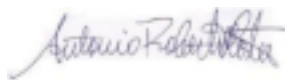
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
jornalismo da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial obtenção
do título de bacharel em jornalismo.

Aprovado em: 14/11/2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Ingrid Farias Fechine (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Antônio Roberto Faustino (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Orlando Ângelo da Silva (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a minha avó, Maria do Carmo, a qual me ensinou que sem Deus nada seria possível. Dedico também a minha família, que pelo suor deles, hoje posso andar em águas tranquilas.

“Não importa o que aconteça, continue a nadar”

(WALTERS, Graham.2003)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
2.1 Jornalismo Literário: Uma nova forma de se fazer jornalismo.....	8
2.2 Jornalismo Investigativo: O princípio do jornalismo	10
2.3 O hibridismo entre o jornalismo literário e jornalismo investigativo	11
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	12
3.1 Daniela Arbex e suas obras	12
3.2 Análise sobre o livro “Cova 312”	13
4 CONCLUSÃO	17
5 REFERÊNCIAS	
6 AGRADECIMENTOS	

ANALISE DO JORNALISMO LITERÁRIO E JORNALISMO INVESTIGATIVO A PARTIR DO LIVRO “COVA 312” DE DANIELA ARBEX

ANALYSIS OF LITERARY JOURNALISM AND INVESTIGATIVE JOURNALISM FROM THE BOOK “COVA 312” BY DANIELA ARBEX

Elissandra Souza

RESUMO

O artigo analisa as características do jornalismo literário e investigativo do livro "Cova 312", de Daniela Arbex, destacando como essas modalidades se complementam para criar uma forma mais profunda e humanizada de contar histórias. Na introdução, é discutida a evolução do jornalismo tradicional para o digital, que frequentemente prioriza a rapidez ao invés da verdade e da ética profissional. O jornalismo investigativo é apontado como uma alternativa que valoriza a apuração minuciosa que gera a comprovação dos fatos, enquanto o jornalismo literário utiliza uma narrativa envolvente para conectar o leitor à situação da qual é descrita. O livro "Cova 312" é utilizado como exemplo neste trabalho, por combinar essas duas abordagens, relatando a história de Milton Soares de Castro e outros presos políticos durante a ditadura militar no Brasil. Arbex utiliza técnicas de investigação para revelar a verdade sobre esse período histórico, mantendo um compromisso com a ética jornalística e evitando o sensacionalismo. O artigo destaca a importância de uma apuração detalhada e de uma narrativa humanizada, que proporciona ao público um entendimento mais profundo e verdadeiro sobre o tema.

Palavras-Chave: Jornalismo literário; Jornalismo investigativo; Daniela Arbex; Livro-reportagem

ABSTRACT

The article analyzes the characteristics of literary and investigative journalism in the book "Cova 312", by Daniela Arbex, highlighting how these modalities complement each other to create a deeper and more humanized way of telling stories. In the introduction, the evolution from traditional to digital journalism is discussed, which often prioritizes speed over truth and professional ethics. Investigative journalism is seen as an alternative that values the thorough investigation that generates proof of facts, while literary journalism uses an engaging narrative to connect the reader to the situation being described. The book "Cova 312" is used as an example in this work, as it combines these two approaches, telling the story of Milton Soares de Castro and other political prisoners during the military dictatorship in Brazil. Arbex uses investigative techniques to reveal the truth about this historical period, maintaining a commitment to journalistic ethics and avoiding sensationalism. The article highlights the importance of a detailed investigation and a humanized narrative, which provides the public with a deeper and truer understanding of the topic.

Keywords: Literary journalism; Investigative journalism; Daniela Arbex; Reportbook

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo em geral sofreu grandes mudanças nas últimas décadas. Com o avanço da tecnologia, os meios de comunicação estão cada vez mais migrando para a internet. Mas o jornalismo tradicional ainda está presente na nossa sociedade, de forma que continua entretendo e informando as pessoas. Um dos meios de noticiar característico desse contexto é o livro-reportagem. Autores como Chico Felitti, Eliane Brum, Caco Barcelos e Daniela Arbex exercem esse tipo de jornalismo, contando casos ocorridos no Brasil, não se restringindo apenas ao jornalismo literário, mas também trazendo outros gêneros em suas páginas.

O jornalismo é uma função pública, e, por essa razão, deve ser praticado de forma ética, conceito responsável por reger todos os ensinamentos apresentados durante o período do curso, tanto quanto na prática profissional. O jornalismo, enquanto profissão, vem sendo gradualmente descredibilizado pela maneira como está sendo produzido e reproduzido constantemente por portais de notícias, nos quais a necessidade de informações mais rápidas é privilegiada em razão da profundidade e verdade dos fatos. Podemos ver em LUCAS (2002, p. 8), no qual ele descreve que o conteúdo compartilhado seja realizado com uma linguagem rasteira e sem um bom detalhamento, colocando, em suas palavras, à prova os fundamentos jornalísticos.

O jornalista tem um papel de influência na sociedade, principalmente no meio midiático e nas redes sociais, que têm se tornado um dos principais meios de comunicação para troca de informações. Segundo pesquisa do Poder Data (2021), disponível no site Poder 360, 43% das pessoas preferem se informar a partir das mídias sociais por conta da sua agilidade na leitura de textos curtos sobre a notícia.

À vista desse contexto, temos o jornalismo investigativo como uma alternativa, mas a forma de produzi-lo foge dos moldes "tradicionais", nos quais a notícia é compartilhada sem que haja um desenvolvimento sobre o tema. Como definido por Medina (1982, pág. 107), o jornalismo investigativo tem como particularidade trazer fatos e provas sobre o que é noticiado com uma apuração longa, que, quando associada ao jornalismo literário, um gênero que vem ganhando sucessivamente espaço no cenário noticioso, promove uma nova experiência ao leitor, fazendo-o enxergar a notícia de outra maneira. Ao juntar essas duas formas de produzir conteúdo e analisá-las, compreende-se que o trabalho jornalístico é muito mais do que informar: é saber informar.

O livro da jornalista e escritora mineira Daniela Arbex, “Cova 312: A longa jornada de uma repórter para descobrir o destino de um guerrilheiro, derrubar uma farsa e mudar um capítulo da história do Brasil”, teve sua primeira edição lançada em maio de 2015, pela editora Geração Editorial. “Cova 312” é um exemplo de livro-reportagem que trabalha com essa linguagem, promovendo conhecimento sobre a época da ditadura militar que ocorreu entre 1964 e 1985, relatando a vida dos presos políticos, em especial a de Milton Soares de Castro, além disso, descrevendo o processo de produção da obra.

Daniela Arbex é reconhecida nacionalmente, tanto pelo seu trabalho realizado na Tribuna de Minas quanto pelos seus livros, pelos quais recebeu vários prêmios, incluindo um Prêmio Jabuti de Reportagem e Documentário, pelo livro-reportagem “Cova 312”. A obra utiliza técnicas jornalísticas, tanto literárias quanto investigativas, abordando os fatos de forma mais humanizada, mantendo-se fiel aos dados e sem apostar no sensacionalismo.

Com esta análise, pretende-se mostrar a importância e a relevância que esse tipo de jornalismo pode trazer para a mídia em geral, proporcionando uma forma de conduzir a história que traga conhecimento de forma, e, acima de tudo, verdadeira. A apuração, que é baseada na conversa, primórdios do jornalismo, com ferramentas tecnológicas atuais, possibilita fazer um bom trabalho.

Partindo da hipótese de que a narrativa literária, em conjunto com o jornalismo investigativo, promove uma maior humanização do jornalismo, o presente artigo tem como objetivo apresentar os conceitos tidos sobre o jornalismo investigativo e o jornalismo literário. Com base no trabalho de Daniela Arbex, busca-se analisar os aspectos desses métodos jornalísticos presentes na obra “Cova 312”. Para isso, têm-se como objetivos secundários a conceitualização do jornalismo de dados e literário, bem como apresentar a obra da autora e a maneira como essas teorias se apresentam nela.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Jornalismo Literário: Uma nova forma de se fazer jornalismo

O jornalismo literário proporciona uma nova visão para o cenário noticioso que o Brasil promove nesta atualidade, sem o sensacionalismo, mas com o mesmo comprometimento com a verdade. Seu lado humano e seu texto coeso têm como característica fazer o leitor adentrar o cenário descrito e ter uma nova visão da notícia divulgada ou do acontecimento, que, em conjunto com o jornalismo investigativo, produz um conteúdo com detalhes e informações que passam despercebidos ao profissional pela falta de tempo.

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta da do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional [...] Contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem. (MEDINA, 1999, p.28)

Segundo o conceito de Carlos Medina, o jornalismo literário dá protagonismo a quem normalmente não tem voz e que é esquecido pela grande mídia. A participação do literário foca em personagens não tão óbvios, mas que possuem uma história, produzindo um material rico em informações e que gera identificação com os leitores. O jornalismo literário foge do tradicional, da escrita técnica que, muitas vezes, torna o texto mais do que um simples compartilhar de informações. A profundidade que a reportagem traz aos seus personagens e à história é a grande diferença entre os outros produtos jornalísticos.

Felipe Pena (2006, p. 21) define o jornalismo literário como uma “linguagem musical de transformação expressiva e informacional”. O gênero permite espaço para expressar melhor a opinião do repórter, ao acrescentar suas palavras e apresentar um assunto do qual ele apurou a fundo, dando-lhe licença poética para descrever o acontecido, expondo a história por trás dos dados e dos gráficos.

Muitos teóricos tentam achar uma definição para o gênero e tentam encaixá-lo em algum outro aspecto, mas é inegável o crescimento da adoção do estilo literário nas redações. Um exemplo disso foi a cobertura da queda do avião da VoePass no programa *Fantástico*, produzida pelo portal G1 da Rede Globo, que se utilizou da abordagem como maneira de conectar os espectadores com o ocorrido.

A jornalista Eliane Brum é outra profissional que vem adquirindo destaque por sua escrita e por trazer histórias que normalmente não seriam notícias, como em seu livro “*A vida que ninguém vê*”, no qual ela traz as histórias de não celebridades, daqueles que são invisíveis à sociedade, como a de um senhor que trabalha em um aeroporto mas nunca viajou de avião. O jornalismo literário valoriza muito as histórias que, aos olhos de outras pessoas,

não se encaixam nos critérios de credibilidade, mas que, aos olhos do jornalista especializado no gênero literário, olha o ser humano acima da notícia.

Para um leitor, os sentimentos que o livro provoca com sua leitura têm o poder de proporcionar uma experiência diferenciada do material, sendo essa capacidade de identificação e submersão na história um fator que faz com que esse estilo de comunicação tenha ganhado destaque atualmente, em que se encontram mais e mais materiais rasos e fora da realidade de muitos. Andriele Cruz ressalta essa questão de como isso ocorre:

A descrição dos sentimentos humanos aproxima leitor e personagem, permitindo um sentimento de identificação. O detalhamento de seus sentimentos, pensamentos e como percebem a vida também propicia uma leitura mais vasta de cada personagem. Essa descrição também faz parte de um processo de humanização do relato. (CRUZ, 2021. p. 33)

O jornalismo humanizado é muito encontrado no gênero literário, por dar vida a nomes que fazem parte da história. Ao se criar um livro-reportagem, é necessário levar os sentimentos e pensamentos que aquela pessoa teve em consideração, é dar voz a quem foi silenciado, no caso do livro, para Milton Soares. Normalmente nos deparamos com os nomes das vítimas de alguma tragédia e lamentamos o ocorrido, mas ignoramos a história dessas pessoas a partir da próxima notícia.

O jornalismo literário quer contar essas histórias, a infância e adolescência, os sufocos e amores vividos por aquela pessoa descrita no livro. Não é apenas a tragédia que ele quer contar, mas uma pessoa, com nome e sobrenome, com família e talvez com filhos, não só a vítima.

Por ser difícil a separação da realidade do ficcional por alguns, é uma das barreiras enfrentadas pelo jornalismo literário atualmente. A linguagem mais sensível pode fazer parecer que a história não está sendo contada da forma como aconteceu. O jornalismo literário enfrenta o olhar duvidoso de parte da população que descredibiliza o gênero por acreditar que não passa objetividade nas informações. Essa visão, mesmo que ainda presente, vem sendo modificada com o passar dos anos, existindo um público fiel a esse estilo.

Por conta de suas peculiaridades, a periodicidade é algo que dificilmente será encontrada em trabalhos de livro-reportagem, mas seus trabalhos perpetuam durante décadas e até mesmo séculos, como o clássico de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, de 1902, considerado o primeiro livro-reportagem brasileiro.

O jornalista Felipe Pena (2006), para tentar entender melhor o jornalismo literário, criou o conceito intitulado como uma “Estrela de Sete Pontas”. Esse conceito discorre sobre a maneira como o gênero foge do *lide*, técnica utilizada no jornalismo em que contém as principais informações ainda no primeiro parágrafo, ampliando a forma do leitor ser introduzido na informação.

A primeira ponta se refere ao não ignorar as técnicas jornalísticas, mas sim desenvolvê-las de outras formas, mantendo os princípios de apuração, ética e responsabilidade com a verdade. A segunda ponta trata-se de se soltar do *deadline*, ou seja, não segue um horário específico e nem trabalha com a atualidade da notícia, fugindo dos acontecimentos cotidianos que ocorrem. O terceiro ponto dialoga com o segundo, sugerindo ampliar a visão sobre o assunto, redirecionando-as e comparando-as com outros fatos, compreendendo a situação com outro olhar (PENA, 2006).

Já na quarta ponta, o autor fala sobre a questão da cidadania e em como seu trabalho pode contribuir para a sociedade na formação de opiniões. A quinta ponta pede para o jornalismo literário romper com o *lide*, pois esse formato tende a prender o jornalista a não explorar os vários lados que a história pode ter. A sexta ponta sugere fugir das fontes primárias, como governadores, ministros, e se voltar para os cidadãos anônimos, as pessoas comuns que apresentam uma nova perspectiva sobre os assuntos.

O sétimo e último ponto fala sobre a “perenidade”, abordando assuntos que fujam do

comum com uma história que deixará sua marca e fará seu trabalho percorrer gerações futuras (PENA, 2006). O jornalismo literário é uma forma de humanizar o jornalismo e tornar estatísticas em pessoas, relatando suas histórias e tornando-as eternas. Esse modelo de se produzir reportagens vem conquistando cada vez mais admiradores e tornando acessível um conhecimento que se limitaria apenas a pessoas ao seu redor.

2.2 Jornalismo Investigativo: O princípio do jornalismo

O jornalismo investigativo é uma técnica em que não se tem uma data definida, mas que, de certa forma, fundamenta o jornalismo em si: a investigação. Crê-se que esse formato ganhou mais destaque no período pós-guerra, por volta de 1955, mas antes mesmo deste período já se encontrava material de cunho investigativo, sendo um dos pioneiros desse estilo o inglês W. T. Stead, do periódico inglês *The Pall Mall Gazette*, segundo informações obtidas no site Casa das Focas, em publicação de 2018.

Segundo o especialista Leandro Fortes (2005, p. 9), esse modelo também já contava com representantes no cenário brasileiro, como os jornais *Correio da Manhã*, *Cruzeiro* e *Estado de São Paulo*, que apresentavam características do jornalismo investigativo. Porém, ganharam força no período militar e pós-militar, após a redemocratização, os jornalistas utilizavam desse modelo como forma de fuga do noticiário oficial e na busca por notícias escondidas, como ele próprio cita no livro *Jornalismo Investigativo*.

Segundo Guzzo e Teixeira (2011, p. 74), cada notícia, por menor que seja, quando divulgada na imprensa, pode ganhar grandes proporções, e o jornalista usa disso para discussão após a denúncia feita. A partir daí, inicia-se um processo lento e detalhista sobre todas as possíveis variantes que o caso possa assumir com o público. A busca por aprofundamento no caso após a denúncia faz o jornalista olhar o caso sob várias perspectivas e procurar provas que possam levá-lo à verdade do assunto.

Para isso, muitas vezes métodos não tão éticos podem ser utilizados, o que faz questionar a confiabilidade que o jornalismo investigativo prega em suas reportagens. O uso de câmeras escondidas e até mesmo mentir a identidade são alguns dos recursos que os jornalistas, por vezes, utilizam para descobrir uma história. Fortes se refere sobre esse tema em seu livro *Jornalismo Investigativo*, no qual ele fala sobre a dualidade desses meios:

A utilização de câmeras e gravadores escondidos suscita toda sorte de debate entre estudiosos da mídia, o público e os agentes da Justiça. Desse debate constante retiram-se mais dúvidas do que respostas, normalmente porque partem de uma avaliação do resultado, e não da ação em si. A tentação de se descobrir a verdade, ou dela se apropriar como trunfo, pode levar as redações a optarem por todo tipo de meio investigativo, legal ou não, graças à velha máxima de que os fins justificam o meio. (FORTES.2005. p, 17)

O autor e jornalista Felipe Pena também questiona esse fato em seu livro *Teoria do Jornalismo*, lançado em 2005, com uma visão que questiona até onde vai essa busca por informações e se vale a pena ir contra a ética profissional para obtê-las. Ele acredita que, muitas vezes, o jornalista investigativo assume o papel de polícia, quebrando regras que nem a polícia quebra, como o caso da falsidade ideológica, sendo esse um fator que pode enfraquecer e desacreditar o modelo investigativo. Segundo Pena (2005, p. 203):

O jornalismo investigativo, da maneira como vem sendo exercido conseguirá, além de causar danos irreparáveis aos indivíduos, frustrar toda uma persecução penais, papel do Poder Judiciário, atingido a injustiça ao invés da justiça e amedrontando cada vez mais a sociedade deixando de lado o interesse público de manter o bem-estar social e a paz pública.

Essa discussão é importante para saber até que ponto o jornalismo investigativo é capaz de ir, mas isso não nos faz ignorar a relevância que ele oferece para o jornalismo brasileiro. Principalmente em questões de agentes públicos, que temem ser alvos desse tipo de jornalismo, pois a repercussão tende a afundar ou salvar uma reputação, levando em conta o assunto divulgado.

O pós-publicação também é algo que deve ser mencionado. Fortes fala que a atividade jornalística ganha uma credibilidade que poucas instituições têm, caso a repercussão seja positiva, garantindo status para o jornalista que produz a reportagem, com seu nome ganhando relevância e destaque na comunidade jornalística.

Mas esse fato não tira a relevância que o jornalismo investigativo tem em nossa sociedade, tanto que, no Brasil, existe uma associação para esse grupo seletivo, a ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), que tem parceria com o Governo Federal e tem como missão: “Aprimorar o trabalho jornalístico e difundir os conceitos e técnicas da reportagem investigativa, defender a transparência nos negócios públicos e o direito de acesso às informações públicas.” (ABRAJI, 2024). Lá estão disponíveis documentos e ferramentas de busca que podem ajudar outros jornalistas em suas reportagens e a realizar denúncias.

A ABRAJI, junto ao Governo Federal, defende e permite maior liberdade para a prática do trabalho, oferecendo cursos e formando profissionais cada vez mais capacitados e especializados a produzir um jornalismo investigativo pautado na verdade e na busca por informações.

O jornalismo investigativo é mais uma forma de se produzir o jornalismo, que, igual a qualquer outro gênero, deve ser feito com responsabilidade e cuidado, pois uma palavra distorcida pode inocentar ou acusar um indivíduo. A importância do investigativo vem justamente para que erros assim não aconteçam, já que sua apuração mais demorada e investigação mais profunda deixam a margem de erro bem menor e o trabalho se torna compensado ao final, ao se construir uma história com todos os lados, evidenciando a verdade.

2.3 O hibridismo entre o jornalismo literário e jornalismo investigativo

O jornalismo é uma ferramenta de informação. Diante disso, há várias maneiras de se fazer notícia, sendo que atualmente existem vários gêneros especializados. Esses estilos se distinguem tanto pela forma de comunicação, quanto pela linguagem e modo de produção. É partindo deste ponto que este artigo irá focar em dois gêneros que são totalmente diferentes: o literário e o investigativo.

Ao juntar os dois gêneros, conseguimos enxergar a informação de uma maneira diferente, com outro olhar. Atualmente, o jornalismo tende a ser mais comercial, como apontam Kovach e Rosenstiel (2004) no artigo em que estudam o jornalismo na sociedade: “Os autores apontam que esse ‘jornalismo concentrado na elite não revela o mundo real, e só distancia o jornalismo da sua responsabilidade com a sociedade’. Mesmo ao abordar fatos importantes que necessitam de sensibilidade ao abordar o tema, o jornalismo frequentemente prioriza aspectos comerciais ou institucionais, deixando as pessoas em segundo plano. O livro-reportagem é uma opção para mudar esse cenário e agradar aqueles que buscam

informação com uma nova roupagem e maior interesse pelo lado humano da notícia, característica do gênero literário.

Quando associado ao gênero investigativo, a notícia é consumida com uma quantidade de informações superior ao noticiário diário. A apuração é feita após muito tempo de pesquisas, com dados adquiridos por meio de muito trabalho. Apoiada por uma escrita literária, torna a compreensão mais acessível e a leitura bem mais agradável, transformando o ato de se informar em uma forma de entretenimento também.

De acordo com o jornalista Edvaldo Pereira Lima, esse estilo de reproduzir a notícia foi se delineando ao longo dos anos, ao se perceber um cenário noticioso carente de aprofundamento, que abordasse todos os lados da história. Segundo o autor:

O jornalismo desenvolveu, ao longo do tempo, uma forma de mensagem mais rica, cujo teor procura redimensionar a realidade sob um horizonte de perspectivas onde não raro existem várias dimensões dessa mesma realidade. Essa forma é a reportagem, que nos casos mais felizes oferece, em torno do núcleo frio que marca a face árida de um acontecimento, todo um contexto embelezado pela dimensão humana, pela tradução viva do ambiente onde ocorrem os fatos, pela explicação de suas causas, pela indicação dos rumos que poderá tomar. (LIMA, 1998, p.10).

Lima explica em sua tese que existem várias formas de se transmitir a notícia, e que uma mesma realidade pode ter mais de uma versão. Não necessariamente precisa ser da forma que estamos habituados, muitas vezes sem tato com o leitor ou telespectador, tornando a notícia apenas mais uma entre tantas.

Essa abordagem híbrida entre os gêneros literário e investigativo é explorada por Rogério Borges (2013, p. 309), que analisa como essas fronteiras podem se misturar: “O jornalismo literário traz traços que questionam a concepção entre realidade e ficção. O híbrido entre os dois gêneros busca um ‘interdiscurso’ que contenha elementos provenientes de ambos, mas que sintetize para a autonomia como um terceiro gênero (Borges, 2013, p. 309)”. Essa autonomia permite um aspecto mais humano à notícia, analisando a situação sob vários pontos de vista, características do jornalismo literário, como exemplificada em *Cova 312*, ao retratar o período da ditadura militar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Daniela Arbex e suas obras

Daniela Arbex nasceu na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, e tem em seu currículo mais de 20 prêmios nacionais e internacionais, entre eles o Prêmio Jabuti pelo livro-reportagem *Cova 312* em 2016. Além deste trabalho, deve ser citado *Holocausto Brasileiro*, livro que tornou seu nome nacionalmente e até mesmo internacionalmente reconhecido, com mais de 300 mil exemplares vendidos no Brasil e em Portugal.

Graduada pela Universidade Federal de Juiz de Fora, mostrou interesse desde cedo pelo gênero investigativo, demonstrando seu talento ainda na faculdade, em que já participava de atividades relacionadas à profissão. Trabalhou por mais de 23 anos como repórter especial no jornal *Tribuna de Minas*, por onde teve contato com o assunto que futuramente daria origem a *Cova 312* (Arbex, 2019). Atualmente, trabalha exclusivamente com livros-reportagem, adicionando mais um título à sua lista de trabalhos.

Autora dos livros *Holocausto Brasileiro*, *Cova 312*, *Todo Dia a Mesma Noite*, *Os Dois Mundos de Isabel*, *Arrastados* e seu mais novo trabalho, *Longe do Ninho*, Daniela

busca trazer em suas produções um lado não contado da história, com riqueza de detalhes e testemunhos que agregam um valor sentimental aos livros (Intrínseca, 2024). Seus trabalhos trazem uma carga literária adquirida durante seus anos como repórter especial, ressaltando a apuração dos fatos, com imagens, depoimentos e ligações dos personagens na atualidade. Isso faz com que histórias que poderiam passar despercebidas por alguns adquiram um novo aspecto ao serem analisadas com o olhar atento de uma profissional do jornalismo investigativo.

Daniela se destaca no cenário jornalístico e literário, mas também no cinematográfico. Suas obras *Holocausto Brasileiro* e *Todo Dia a Mesma Noite* ganharam espaço no audiovisual, com um documentário e uma série, respectivamente, baseados em suas obras. As produções foram realizadas pelo streaming Netflix, obtendo grande repercussão no cenário nacional e recebendo críticas positivas.

3.2 Análise sobre o livro “Cova 312”



(Reprodução: Editora Intrínseca)

A obra de Daniela Arbex tem como pano de fundo o período que marcou a sociedade brasileira: a época da ditadura militar, que controlou o Brasil de 1964 a 1985, sendo seu ápice em 1968, quando foi promulgado o AI-5 (Ato Institucional Número Cinco). *Cova 312* é um livro-reportagem que aborda a história de Milton Soares da Costa, guerrilheiro preso no Presídio de Linhares (Minas Gerais), área onde se conta sua história e a de outros prisioneiros que viveram o terror daqueles anos. A autora narra de forma sensível, porém realista, a vida dos prisioneiros e a trajetória de Milton até sua morte, que teve como destino final a cova 312, local onde foi enterrado e que dá nome ao livro.

O livro é iniciado com o prefácio do jornalista Laurentino Gomes, ganhador seis vezes do Prêmio Jabuti. Ele destaca o talento de Daniela e sua sensibilidade ao tratar do assunto em um mundo onde o jornalismo, em suas palavras, é movido a entretenimento, mensagens em áudio e imagens, o que faria com que os bons leitores desaparecessem. Daniela desmistifica essa teoria ao produzir um livro que consiga prender o leitor e lograr a produção de um jornalismo de qualidade (Arbex, 2016, p. 13).

No decorrer do livro, é retratada a purificação da pesquisa feita durante a produção da reportagem especial, que acabou gerando o livro-reportagem. O interesse pelo assunto sempre foi um fator de motivação para um jornalista, que, ao se deparar com a manchete sobre indenização das vítimas, diz ter ficado hipnotizado pela notícia. Além disso, alimentou

o desejo relacionado a um período da história que todos os brasileiros já ouviram falar, mas que, para aqueles nascidos após essa época, se torna algo restrito aos livros (Arbex, 2016, p. 84).

Partindo dessa ideia, podemos ver elementos na obra tanto do jornalismo investigativo quanto do literário, fugindo do jornalismo focado na elite citada por Kovach e Rosenstiel (2004), aproximando-se, assim, de um trabalho que mostra o mais próximo possível da realidade ocorrida na época, atentando-se a fatos com sensibilidade e responsabilidade.

Um fato interessante durante a leitura do livro é a descrição que Daniela faz do processo, narrando seus sentimentos e receitas ao adentrar o Presídio de Linhares, local onde os prisioneiros permaneceram, com riqueza de detalhes, como a hora e o que foi aqui a ela e à equipe pelos presidiários. Isso permite uma leitura imersiva da história, que relata a infância e a vida de Milton Soares, tornando-o mais que apenas uma vítima, mas uma pessoa com história, família e esperança por um país mais livre e democrático.

Todo esse cuidado em compartilhar não apenas fatos, mas também sentimentos e reações do próprio autor permite que o material produzido gere mais identificação com os personagens, conforme descrito por Cruz (2021, p. 33).

As entrevistas com a família foram fundamentais para entender quem era Milton, o que aconteceu no presídio, como sua família lidou com isso e como ele chegou até lá. Isso incluiu o momento do grupo de Caparaó, sua fuga para o Uruguai, sua prisão e sua vivência na cela 30, que dá nome ao primeiro capítulo do livro. Seu encerramento também é algo que torna a história mais rica, promovendo uma proximidade com o leitor. Todos esses fatos nos remetem ao conceito de Medina sobre o jornalismo literário, no qual ele o relaciona como uma forma de trabalho que coloca destaque sobre pessoas que geralmente não seriam assunto e, por isso, têm suas histórias e vivências esquecidas pela mídia e pela sociedade.

Daniela, ao montar o livro, conta o relato de outras vítimas que deixam de ser apenas números e passam a ser pessoas, aquelas que sofreram com a opressão que o regime militar instaurou no país. Na parte dois do livro, ela dá abordagem em outros casos além de Milton, como o dos estudantes universitários Rogério e Antônio, dois jovens de 19 e 20 anos, respectivamente, que sonhavam apenas com um país livre e com a astronomia, mas foram presos no auge da ditadura, em 1969, por associação a um grupo revolucionário.

Rogério, quando preso, foi duramente espancado e humilhado, sendo obrigado a se despir, sofrer golpes e receber choques elétricos por todo o corpo. Seu reencontro com seu pai, Manoel, faz o leitor sentir toda a tristeza e saudade que os dois sentiram um do outro, com as palavras escolhidas pelo autor para descrever o encontro, característica do jornalismo literário, que, como citado por Felipe Pena, usa uma linguagem expressiva e informacional.

No nono capítulo, intitulado “Cobaias Humanas”, Arbex narra a história de um grupo que foi preso durante um tiroteio que tirou a vida de dois militares. Durante a escrita, utiliza fotografias e travessões para retratar as falas das vítimas, com fidelidade inclusive no sotaque, utilizando a língua portuguesa para dar efeitos sonoros. Um exemplo disso está presente no trecho:

“ — Abre a mão aí;
Pá!;
O ex-policia militar teve a palma da sua mão ferida pela palmatória.
Pá!;
— O que é isso, tenente? Ô sargento, não faz isso comigo não —
implorava o homem que mais tarde viu sua unha cair.” (Arbex, 2019. p. 133).

Daniela Arbex, durante todo o livro, vale-se de imagens de documentos oficiais que enriquecem o livro-reportagem. No final deste mesmo capítulo, ela mostra o Documento de Linhares, como ficou conhecido, em que os presos denunciaram as torturas sofridas dentro

do presídio, contendo a assinatura de todos eles. Como essa carta chegou ao público, ninguém até os dias atuais tem conhecimento, mas é inegável que o uso do jornalismo investigativo possibilite ter acesso a tal documento.

Durante essa parte do livro, ela explora o seu lado literário, causando emoção aos leitores sobre a união dos presos políticos. A força da música ajudava todos eles, tanto da masculina quanto feminina, a superar aquela dor e, inclusive, a se comunicarem. Em um trecho específico, a música era utilizada para tranquilizar uma mãe que estava presa na ala feminina e não tinha contato com seus filhos. O trecho diz:

Naquela noite, os presos políticos cantaram para homenageá-la. E a galeria feminina respondeu com música, como fazia em todos os fins de tarde. Era assim que homens e mulheres se comunicavam em Linhares. Nem os guardas da penitenciária ousavam interromper o momento mais bonito na cadeia. No livro *Companheira Carmela*, o militante Maurício Paiva lembra que os filhos da guerrilheira puxaram o hino de Dolores Duran para que a mãe fosse informada de que eles sabiam de sua chegada ao presídio. (ARBEX.2019. p:158)

Carmela Pezzuti, mãe de Murilo e Ângelo, viu sua vida ruir enquanto estava em Linhares. Sua autoestima, da qual sempre se orgulhou, foi deixada de lado após toda agressão que sofreu, ficando quase desfigurada e tendo um dos seus dentes superiores quebrado. A mulher, reconhecida pela sua beleza exuberante, ficou irreconhecível. A imagem impactou até a sua amiga, Maria José Carvalho Nahas, também conhecida como Zezé. A fragilidade de Carmela foi passada pelas páginas de forma que o leitor se compadece da situação e queira abraçar essa mulher que foi agredida de tantas formas diferentes.

É interessante como Daniela, em todo início de capítulo, dá um contexto à história que vai ser contada. Essa técnica mostra sua destreza na escrita, que faz o leitor imaginar melhor o cenário que ela tenta passar por meio de palavras. No capítulo “40 por 1”, essa marca fica evidente ao criar um ambiente de Copa do Mundo, década de 70, em que ela fala sobre os expatriados, que serviram de moeda de troca após o sequestro do embaixador alemão no Brasil. Ao fim deste capítulo, o qual é enriquecido com fotos da época, tiradas dos jornais daquele ano e até do acervo pessoal de alguns entrevistados, Arbex dá um encerramento às histórias dos expatriados que quiseram voltar ao Brasil, relatando seu retorno ao solo brasileiro nove anos após serem expulsos do seu próprio país e contando o que aconteceu durante esse período fora, fatos conhecidos após muitas entrevistas e pesquisas aprofundadas sobre os quarenta expatriados.

Gilney Amorim Viana é um personagem importante neste livro-reportagem, aparecendo em dois momentos importantes. O primeiro, ainda na parte dois do livro, em que relata seus dias e torturas sofridas atrás das grades. Ele destaca o parlatório, uma grade que proibia os familiares de terem contato com os presos. Gilney, que foi o preso que ficou mais tempo em Linhares — 7 anos e 3 meses — sentiu o impacto que a falta de afeto familiar lhe trazia.

O segundo momento em que ele é mencionado é anos depois, mais especificamente em 2014, quando ajuda a desvendar o mistério deste livro: onde estava o corpo de Milton? Daniela Arbex, em seu trabalho de investigação, encontrou o nome de Gilney, entrevistando-o como um dos presos políticos da época. Mas ele, ao conversar com ela e descobrir sobre Milton, lhe mostrou alguns documentos a respeito da sua morte e de como havia discordâncias entre as imagens e o laudo.

O trabalho de Daniela Arbex, como citado por Fortes, é um dos exemplos que mostram a credibilidade do jornalismo investigativo quando bem-sucedido. A parte três do livro-reportagem, *Cova 312*, é uma amostra de como o lado investigativo é praticado por

uma jornalista dedicada. Arbex utilizou seus contatos, adquiridos tanto das fontes utilizadas durante a produção deste livro quanto em sua vida como jornalista, na qual colecionou vários contatos. Ela é muito detalhista ao expor, por exemplo, data e hora dos acontecimentos que a levaram a descobrir seu foco principal: a causa da morte de Milton. Sua visita ao cemitério é relatada com tanta fidelidade que até os diálogos são utilizados, o que permite uma imersão maior na história e faz todo o cenário correr ao passar das páginas, mantendo a narração contínua até o momento ápice do livro, quando ela acha a cova 312.

Após esse momento, ela descreve outro processo investigativo, o de comprovação de que aquele corpo era mesmo de Milton. Fazendo uso disso, ela utilizou artifícios como a LAI (Lei de Acesso à Informação), como citado no livro (ARBEX, 2019, p.262), e entrevistas com todos os envolvidos nos laudos, indo inclusive para Brasília para obter as informações necessárias para averiguação de quando e como foi a morte de um preso político que passou 35 anos desaparecido, com a família obtendo apenas a informação de sua morte, sem um corpo para velar.

Nesta mesma parte do livro, fica evidente como o hibridismo entre os dois gêneros jornalísticos se cruzam de forma harmoniosa. Esse fato se confirma no trecho: “Para Edelson, a descoberta da Tribuna não é apenas um resgate da história, mas da memória do militante. 'Obrigado. Nós esperamos por 35 anos', disse, em lágrimas.” (ARBEX, 2019, p. 241).

Por fim, é notório como o desenvolvimento do livro-reportagem discorre de maneira compreensível e humanizada. Esse modelo permite o relato de um período do qual já se tem muito conteúdo, sendo reformado com uma nova roupagem, e coloca em evidência pessoas que normalmente são invisíveis perante a sociedade, expostas como apenas números de um jornal ou de um livro de história, mas em pessoas eternas.

4 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como hipótese a ideia que o jornalismo literário e investigativo podem andar juntos, de maneira harmoniosa, informando a população de forma mais humanizada e verdadeira. Partindo dessa ideia, utilizou-se os fundamentos para a realização deste trabalho se baseando no livro-reportagem, Cova 312, da jornalista Daniela Arbex, que busca em sua escrita conciliar os dois estilos. A pesquisa se estendeu em explicar os dois gêneros jornalísticos, o literário e o investigativo, suas teorias e conceitos, e como o hibridismo desses gêneros se enquadram na obra de Daniela.

Na obra de Daniela é apresentado tantos elementos do jornalismo literário quanto do investigado, sendo possível observar diversos elementos característicos desses dois conceitos, em especial, o da “Estrela de Sete Pontas”, criado pelo jornalista Felipe Pena. Essa construção mais humanizada encontrada em seus livros, também viável de ser utilizado em noticiários, faz com que as notícias sejam mais que fatos compartilhados e ganhem uma nova carga emocional que proporciona ao leitor não apenas o ganho de um novo conhecimento como também a aquisição de uma nova vivência situacional e emocional, por conta da grande identificação que esse estilo evoca.

Um outro ponto encontrado no livro é sua busca por trazer o destaque a pessoas e contextos que são de certas formas ignorados na sociedade. A obra se torna uma forma de dar voz para aqueles que normalmente são invisíveis para o grande público e que não estão diretamente envolvidos com as situações. No livro, para trazer esse holofote sobre os personagens, a autora se utiliza do jornalismo investigativo ao fazer a apuração de fatos, muitas vezes indo diretamente a espaços importantes para a construção da história, como também conversando com aqueles que têm relação direta ou indiretamente com os principais personagens.

O livro-reportagem de Daniela Arbex é uma obra rica em conteúdo informacional e literário, que busca uma nova forma de comunicar. O jornalismo literário e investigativo, quando associados, carregam consigo a soma da informação de qualidade, com veracidade e fundamento, junto ao lado humanizado, que o literário permite desenvolver em sua procura por expor um outro lado da história.

Conforme aos dados discutidos durante o texto podemos afirmar que sim, é possível que uma obra consiga associar as teorias do jornalismo investigativo e literário de forma efetiva e harmoniosa. A obra de Daniela Arbex é um bom exemplo disso, pois consegue trazer elementos investigativos sobre o período da ditadura militar no Brasil e mais especificamente, do Milton Santos, mas de forma humanizada e sensível, não se restringindo apenas a descrição de informações como também relata o seu próprio processo de escrita, seus sentimentos e impressões.

Por fim, conclui-se que uma obra jornalística pode ser desenvolvida para informar e entreter, que existe um público adepto desse estilo e que consome seus materiais. O hibridismo vem aumentando a cada instante o seu espaço no cenário noticioso, o que permite a popularização cada vez maior, ganhando várias mídias como as digitais, em podcast e programas televisivos.

6. REFERÊNCIAS

A História do Jornalismo Investigativo. Casa das Focas. 2018. Disponível em :<https://www.casadosfocas.com.br/a-historia-do-jornalismo-investigativo/> Acesso em: 8 de jun. de 2024.

ARBEX, Daniela. **Cova 312**: a longa jornada de uma repórter para descobrir o destino de um guerrilheiro, derrubar uma farsa e mudar um capítulo da história do Brasil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.

BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário**: teoria e análise. Florianópolis: Insular, 2013.

CRUZ, Andriele. **Jornalismo Humanizado E Livro-Reportagem**: Um Estudo Da Narrativa De “Todo Dia A Mesma Noite”, De Daniela Arbex. 2021. 69 p. Monografia (Ciências Sociais) - Universidade Franciscana, Santa Maria, 2021. Disponível em : <https://lapecjor.wordpress.com/wp-content/uploads/2021/07/tfg-2-andriele-final.pdf>. Acesso em: 05 de set, de 2024.

Daniela Arbex. Intrínseca, 2024. Disponível em: <https://intrinseca.com.br/autor/daniela-arbex/>. Acesso: 15 de ago. de 2024.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. Editora Contexto. 2005.

GUZZO, Morgani; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Jornalismo investigativo e literatura: o livro reportagem atuando na denúncia social**. Revista Eletrônica Interfaces, Guarapuava, Vol. 2 n. 2, p. 93 dez. 2011. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/download/947/1992 . Acesso em: 20 de ago. de 2024.

HERRERA, Hernán. **Superficialidade no Jornalismo Online**: Reflexões Preliminares das Possíveis Causas. 2021.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro-Reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LUCAS. Giovana Azevedo Pampanelli. **Notícias On-Line Em Tempo Real: O Jornalismo Na Era Tecnológica**. 2002. 88 p. Monografia (Comunicação Social)- UFJF, Juiz de Fora, 2002. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/facom/files/2013/04/GPampanelli.pdf> Acesso em: 20 de ago. de 2024.

MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo Literário: um gênero em expansão**. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.32, n.2, p. 199-215, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/download/267/260> . Acesso em: 09 de ago. de 2024.

MEDINA, Cremilda. **Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo social**. In: MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton (orgs.). Caminhos do Saber Plural: dez anos de trajetória. São Paulo: ECA/USP, 1999. p. 23-36. Disponível em: <https://uniso.emnuvens.com.br/triade/article/download/2030/1835/3920>. Acesso em: 10 de jun. de 2024

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo. Contexto. 2006.

ROSCOE, Beatriz. Internet é principal meio de informação para 43%; TV é mais usada por 40%. Poder 360, 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/internet-e-principal-meio-de-informacao-para-43-tv-e-preferida-de-40/> . Acesso em: 30 de maio de 2024.

5 AGRADECIMENTOS

Quero primeiramente agradecer a Deus, por me dar a sabedoria e persistência necessária para concluir este objetivo. A minha Virgem Maria, que ouviu tantas orações para me ajudar nesse processo e que sempre intercedeu por mim, a Jesus Cristo que sempre me amou e me ajudou nas aflições e alegrias, e a todos os anjos e santos que me guiaram até aqui por meio da oração, sou realmente muita abençoada por cada graça alcançada.

A minha família dedico um agradecimento especial. Aos meus pais, Daniel e Maria Helena, pelo amor, dedicação e zelo, por todo suor derramado e por cada vez que eles se deixaram de lado para me propor uma boa educação, prometo recompensar vocês por cada esforço dedicado a nossa família. A minha irmã, Daniela, que foi fundamental, não só para a conclusão deste trabalho, mas na minha vida como um todo, muito obrigada pela sua existência e por ser minha irmã, amo cada um de vocês até a eternidade.

Estendo meus agradecimentos também a banca examinadora formada pelos Prof. Dr. Roberto Faustino e Prof. Ms. Orlando Ângelo por aceitarem o convite e disponibilidade, e pelos ensinamentos durante os quatro anos de curso. E a minha orientadora, Profa. Dra. Ingrid Fachine, que hoje também considero uma amiga, sua participação durante minha passagem da UEPB foi de extrema importância, sou grata a tudo que a senhora fez por mim e extremamente feliz por nossos caminhos terem se cruzado.

Aos meus amigos: Raquel, Matteus e Lis, vocês fizeram dessa experiência melhor do que eu poderia esperar, obrigada por todos os momentos compartilhados. Aos meus parentes e amigos, que torcem constantemente por mim e esperam me ver na televisão a todo custo (paciência, queridos haha). Aos meus amigos que fizeram parte desta caminhada que iam e vinham comigo durante todas as manhãs e me ajudaram com seu apoio e torcida, e dando leveza a um período cansativo.

E por fim, mas não menos importante, a Maria do Carmo da Silva e Severina Francisca dos Santos, é em memória delas, que concluo este trabalho. Mulheres fortes e guerreiras que me inspiram constantemente a não desistir e a lutar por aquilo que desejo, a não desistir na primeira queda. Vózinha, a senhora me disse uma vez, quando sua doença já estava avançada, que eu e Dani íamos conseguir vencer, só queria lhe dizer que eu consegui e que a senhora me acompanha em cada passo com sua medalhinha, da qual a senhora nos ensinou que não a prece que chegue a ela que não seja atendida.

Vocês me deixaram durante o período do curso, me fazendo ficar perdida, mas vocês aí do céu me ajudaram a me reencontrar, e hoje sei que tenho um caminho a qual seguir. Espero

que aí de cima consigam ver aonde as netas de vocês chegaram e estejam orgulhosas de nós. Aos citados nesses agradecimentos, todo meu amor, e aos que não foram também.